

1.º de dezembro de 1967, o Prof. Hans Bender, do Instituto de Parapsicologia de Friburgo, foi a Rosenheim iniciar as investigações¹.

Descobriu-se que os misteriosos fatos só ocorriam durante o expediente. Pareciam ter uma relação qualquer com uma moça de dezenove anos, Annemarie, que trabalhava ali. Bastava ela entrar para que “as lâmpadas começassem a balançar atrás dela; algumas explodiam, e os fragmentos voavam na sua direção”.

Buscaram-se, é claro, explicações possíveis para aquilo. Dois físicos — um do Instituto Max Planck, de Munique — ligaram o amperímetro a um oscilógrafo e estudaram sistematicamente todas as causas físicas passíveis de serem aplicadas ao caso. Descobriu-se que a agulha sofria uma forte reação no momento da ocorrência anormal, embora não se pudesse verificar qualquer alteração na força da corrente. Mesmo quando o medidor foi ligado a uma bateria de um volt e meio, a marcação foi violenta. Teria o instrumento algum defeito? Foram estudados os seguintes fatores: mudanças na tensão dos fios; tensão HF; capacidade de carga do oscilador; carga eletrostática; campo eletromagnético; infravermelho e ultra-som; vibrações fortes, defeitos nos aparelhos de medida, competência do operador. Todas essas pesquisas tiveram resultados negativos, e a conclusão a que se chegou foi a de que não havia uma explicação física para o fato de a agulha indicar grandes cargas durante esses acontecimentos. Parecia, portanto, que o comportamento do instrumento dependia de uma força mecânica que atuava na ponta da agulha que escrevia. Muitas vezes a evidência era tão forte que o papel ficava arranhado profundamente⁴.

Foram instalados novos telefones e instrumentos monitores. Parecia que alguém fazia ligações para a *Hora Certa* de quatro a cinco vezes por minuto, e em alguns dias até cinquenta vezes, sucessivamente. A Companhia Telefônica testou cada motivo concebível para as queixas e chegou à conclusão de que as ligações eram iniciadas no escritório. A equipe repeliu a idéia e insistiu que o mecanismo de medida registrava ligações quando ninguém estava falando. Então, numa ocasião, com um técnico da companhia presente, viu-se o registro marcar vinte chamadas em dez minutos, embora ninguém tivesse usado o telefone.

O fenômeno prosseguiu dezembro adentro, e um contato

constante foi mantido entre Friburgo e Rosenheim, embora, por motivos de ordem econômica, um investigador não pudesse ficar ali. Após o Natal, Annemarie entrou de férias, mas continuou aparecendo no escritório. Ela ficava com Adams, o advogado, contra os comentários da cidade, segundo os quais o filho dele causava os distúrbios.

Entre 5 e 17 de janeiro de 1968, o fenômeno chegou ao auge. Ante os próprios olhos de um físico, um arquivo de cento e setenta e cinco quilos moveu-se trinta centímetros da parede. Outro fenômeno novo ocorrera: os quadros rodavam trezentos e sessenta graus nos ganchos nos quais estavam dependurados, fato que pôde ser documentado em *videotape*.

Quando Annemarie deixou o emprego, para trabalhar com outro advogado, as perturbações cessaram, e a paz voltou ao escritório de Adams. Então, na própria casa da jovem, fenômenos semelhantes ocorreram por algum tempo. Alguns outros foram registrados também no seu novo emprego, mas logo tudo voltou à calma.

Poltergeists e RSPK

Os acontecimentos em Rosenheim são incomuns, mas não únicos. Cerca de quinhentos desses casos foram registrados na Europa e nos Estados Unidos^{3,4}. O aspecto mais peculiar do caso Rosenheim (e de vários outros posteriores⁵) é o de que uma investigação completa poderia ser realizada enquanto o fenômeno se dava.

Estes fenômenos tendem a diminuir ou cessar quando aparece um investigador bem intencionado. Os espíritas adotaram a expressão *Poltergeist* (em alemão, “espírito barulhento”, brincalhão) para tais “distúrbios fantasmagóricos”, pelos quais um espírito mau é apontado como responsável. Agora, prefere-se um termo puramente descritivo, RSPK, ou “*recurrent spontaneous psychokinesis*” (psicocinese espontânea recorrente). O termo alemão *Poltergeist* aparece agora principalmente na literatura em inglês, enquanto os próprios alemães passaram a dizer *Spuk*, ou “distúrbios fantasmagóricos”.

Como regra, estes eventos parecem ligados a uma pessoa jovem, na puberdade, ou em situação de crise psíquica. É como se conflitos psíquicos que não podem ser resolvidos em contato com outras pessoas fossem liberados por descargas